

O EPICURISMO COMO SISTEMA DISCURSIVO DE CONSTRUÇÃO DE INTELIGIBILIDADE SOBRE OS AFETOS NA SALA DE AULA DE INGLÊS

Um estudo à luz da Psicologia Discursiva Crítica

Diego Candido Abreu¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender como um conjunto de repertórios interpretativos assentados na filosofia epicurista alicerça e sistematiza discursivamente a reflexão de professores(as) de inglês acerca da influência dos afetos no processo de ensino/aprendizagem desse saber. Para tanto, me debruço analiticamente sobre os empreendimentos discursivo-reflexivos de duas professoras de língua inglesa em que o esquema teórico do epicurismo é articulado retoricamente com o intuito de arrimar os posicionamentos e argumentações dessas docentes. Com vistas a viabilizar tal disquisição, me esteio no cabedal teórico da Psicologia Discursiva Crítica, em especial, na teorização desenvolvida no seio desse campo do saber acerca da categoria de repertório interpretativo, intentando, ao apropriar-me de tal construto, dispor de um ferramental de análise que dê conta da esfinge aqui investigada. No que tange ao processo de geração de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada uma das participantes, tendo como eixo temático central justamente a discussão sobre os afetos em sua inter-relação com a sala de aula de língua inglesa. As análises sugerem que, apesar do crescimento significativo no volume de pesquisas dedicadas ao tema dos afetos na literatura das áreas interessadas no contexto de ensino/aprendizagem a partir de uma perspectiva discursiva, não necessariamente a concepção teórica de afeto que alcança o ambiente pedagógico, materializada discursivamente na voz das docentes entrevistadas, coaduna com o entendimento acerca desse fenômeno hegemonicamente construído em tais pesquisas, sendo a presença subjacente a tais discursos de repertórios interpretativos assentados no pensamento epicurista um indicativo de tal desalinhamento.

PALAVRAS-CHAVE: linguística aplicada. psicologia discursiva crítica. afeto. ensino/aprendizagem de língua inglesa. epicurismo.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand how a body of interpretative repertoires based on the Epicurean philosophy provides discursive foundation and systematization to English teachers' reflection regarding the influence of the affects on the process of the teaching/learning of this language. In order to do so, two English teachers' discursive-reflective constructions in which the Epicurean theoretical scheme is rhetorically articulated aiming to sustain these teachers' stances and argumentations are analyzed. Intending to make this research viable, I search for foundation in the theoretical framework of Critical Discursive Psychology, especially in its theorization about the interpretative repertoire category, trying to find an analytical tool that may provide me with the means to perform this investigation. Regarding the data generation process, a semi-structured interview was realized with each of the participants of this research, having as a thematic axis the discussion about the affects in its inter-relation with the English language classroom. In spite of the significant growth in the number of works dedicated to the theme of the affects in the discursive-oriented learning/teaching context literature, the analyses suggest that not always the theoretical conception of affect to reach the pedagogical environment through the teachers' voices is in line with the hegemonic understanding of this phenomenon in such researches. In this sense, the presence of interpretative repertoires based on the Epicurean philosophy underlying the teachers' discourses may indicate this theoretical misalignment.

KEY WORDS: applied linguistics. critical discursive psychology. affect. english teaching/learning. epicureanism.

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio.

Introdução

Na discussão acadêmica hodierna, poucos temas têm ganhado tanta relevância em campos do saber que se preocupam com o processo de ensino/aprendizagem de línguas como a afetividade e seu papel no ambiente vivo da sala de aula. Exemplos de tamanho destaque dado à questão dos afetos sobejam a literatura contemporânea de áreas integradas ou lindeiras aos Estudos do Discurso em ambientes/contextos pedagógicos (SILVA; BARBOSA, 2016; BARBOSA; BEDRAN, 2016 – somente para citar alguns exemplos). Esse movimento, que ganhou maior vigor a partir do início da década de 1990, recebeu a alcunha de “virada afetiva²” (PAVLENKO, 2013). Contudo, mais do que impulsionada por um simples aumento quantitativo do volume de pesquisas dedicadas a tal tema, essa corrente contemporânea de revalorização da afetividade é marcada por uma reviravolta qualitativa na própria forma de pensar teoricamente essa esfinge, em busca de um olhar mais aprofundado, abrangente e multidisciplinar no trato de tal fenômeno. Nesse sentido, os benefícios resultantes de semelhante redirecionamento passariam pela construção de um espaço de ensino/aprendizagem mais humano e atento às especificidades subjetivas dos indivíduos nele inseridos (SCHUTZ; ZEMBYLAS, 2009).

Porém, conforme aponta Pavlenko (2013), uma das grandes fragilidades observadas em uma série de trabalhos que capitaneiam essa corrente reside na nebulosidade que ronda as teorizações acerca dos afetos. Para a autora, essa falta de clareza e consistência teórica se deve, por um lado, à própria complexidade intrínseca ao fenômeno em questão; e, por outro lado, à rarefação e debilidade dos diálogos estabelecidos entre pesquisadores(as) inseridos(as) em áreas preocupadas com os afetos em uma perspectiva discursiva com os esquemas de inteligibilidade provenientes de outros campos do saber – como a filosofia, sociologia, antropologia e psicologia. Essa postura isolacionista estiola muitas das reflexões acerca dos afetos na sala de aula – em sua ampla maioria, argutas e relevantes – fazendo-as prescindir de uma musculatura teórica que as sustente ou, pior ainda, encontrar esse alicerce em teorias antagônicas aos valores fundamentais de humanismo e revalorização do subjetivo que balizam o movimento da virada afetiva.

² Apesar de a autora tomar como base para exemplificar a sua argumentação, especificamente, a área de ASL (Aquisição de Segunda Língua), em diferentes momentos do seu texto, a mesma afirma que tal movimento se espalha para outras áreas reclinadas sobre os fenômenos discursivos – razão porque opto por estabelecer um escopo mais amplo na minha própria argumentação.

Nesse sentido, ao tomarmos como correta a crítica feita por Pavlenko (2013), nos deparamos com o prospecto de que tais teorizações, quando existentes, provém de uma adesão, não necessariamente dotada do senso crítico e do apuro desejável, a modelos de inteligibilidade disponíveis no mercado cultural (BOURDIEU, 2007) da nossa sociedade. Esses esquemas estruturantes são chamados por certos autores(as) da Psicologia Discursiva Crítica de repertórios interpretativos (WETHERELL, 1998; EDLEY, 2001). Assim, em vez de despontarem como construções teóricas holísticas, que convirjam e conversem com os princípios éticos que justificaram a sua emergência, tais concepções de afeto são construídas como amarrações incoerentes de ideias e elucubrações sortidas em meio a teorias que tendem a ir na contramão de tais experiências em sala de aula.

Iluminado por essas reflexões inquietantes, elaborei um projeto investigativo para entender quais são os repertórios interpretativos que subjazem/alicerçam/se incorporam aos modelos de inteligibilidade acerca dos afetos aventados no campo multidisciplinar dos Estudos do Discurso. Em um escrito anterior (ABREU, 2017), me dediquei a tal labor, tendo como escopo as concepções de afeto erigidas em pesquisas acadêmicas realizadas na área em questão. E é na corrente desse esforço que o presente artigo se encontra, se assentando, no entanto, sobre outro recorte: a forma como professores(as) de língua inglesa³ compreendem os afetos no que tange ao papel desempenhado pelos mesmos no processo de ensino/aprendizagem desse saber. Para tanto, gerei uma série de entrevistas semiestruturadas com trinta e três docentes de língua inglesa, sendo o eixo central dessas interações o tema dos afetos e a influência destes nas respectivas salas de aula de cada um desses indivíduos. Ao longo de grande parte das conversas, imbricados às impressões e reflexões erigidas por esses(as) professores(as), certos repertórios interpretativos emergiram como uma forma de sustentar teoricamente tais elucubrações.

Graças ao fato de a preocupação com o universo da afetividade estar presente, em maior ou menor grau, em todas as grandes correntes de pensamento ocidental, os repertórios interpretativos instanciados nas interações observadas tendiam a se apoiar em sistemas teóricos mais estruturados que os subjaziam, os quais, por sua vez, podiam ser, genealogicamente (FOUCAULT, 2002), esmiuçados. Nesse trabalho de escavação, foi

³ Decidi instituir esse recorte por duas razões. Em primeiro lugar, por ser a minha área de formação e atuação como pesquisador. Além disso, pelo fato de eu estar inserido nesse campo, tal contingência me permite dispor de um *network* de potenciais participantes desta pesquisa – ou seja, docentes de inglês com os quais possuo algum grau de proximidade que, por razões as mais diversas, poderiam estar interessados em ingressar em tal projeto. Foi justamente essa conveniência que também me levou a optar pelo recorte “professores(as) de língua inglesa”.

possível observar que uma parte significativa dos repertórios interpretativos (re-)construídos nas conversas geradas tinha como esteio a concepção ataráxica dos afetos, preconizada pela teoria epicurista (KNNUTILLA, 2004). A presença persistente desse modelo teórico como base estruturante dos entendimentos sobre os afetos apresentados ao longo dos dados gerados nesta pesquisa trouxe à luz o seguinte questionamento: em que medida o arcabouço da filosofia epicurista se mostra coerente com os objetivos e os valores fundamentais que impulsionam o movimento da virada afetiva (PAVLENKO, 2013)?

Assentado na reflexão erigida nos parágrafos anteriores e no questionamento apresentado acima, torna-se possível expor os objetivos deste trabalho: 1) entender de que maneira a concepção epicurista dos afetos sistematiza e estrutura determinados repertórios interpretativos socioculturalmente compartilhados que se materializam discursivamente nos entendimentos construídos por docentes de inglês acerca dos afetos; 2) refletir sobre até que ponto tal teorização converge com os princípios fundamentais da virada afetiva.

O presente artigo está subdividido em seis seções. Após este momento introdutório, me debruço sobre as bases fundamentais da reflexão da escola de pensamento capitaneada por Epicuro acerca dos afetos. Em seguida, apresento o edifício teórico da Psicologia Discursiva Crítica, sistema teórico que sustenta a presente disquisição. As duas seções subsequentes são devotadas, respectivamente, à discussão dos preceitos metodológicos que orientam esta pesquisa e à análise dos dados à luz do ferramental teórico-analítico exposto. Por fim, teço algumas considerações finais acerca de todo o processo investigativo.

A ataraxia como caminho para a virtude: a teoria epicurista dos afetos

De forma análoga ao ocorrido com outras grandes escolas filosóficas da antiguidade – como os pitagóricos, os euclidianos e os platônicos – torna-se difícil estabelecer uma distinção precisa entre a pessoa de Epicuro e a corrente teórica capitaneada por ele e composta por vários outros pensadores. Tendo fundado seu grupo em Atenas no ano 306 a.C., os pensadores epicuristas dividiram o cenário acadêmico grego com outro movimento filosófico de grande porte, os Estoicos, rivalizando em muitos aspectos com estes – não sendo a sua teorização acerca das emoções uma exceção. O ponto central de distinção da reflexão epicurista sobre o tema dos afetos em relação a de seus

contemporâneos reside na equiparação realizada pelo autor entre felicidade, virtude e prazer. Nesse sentido, as palavras do próprio Epicuro deixam pouca margem à dúvida acerca de sua posição: “o prazer é o início e o fim de uma vida abençoada” (HAMPSON, 2013, p. 7). No entanto, apesar de algumas leituras superficiais da filosofia epicurista retratarem o seu pensamento como um hedonismo desmedido, o conceito de prazer para Epicuro possui um caráter mais restrito, estando alicerçado em duas ideias fulcrais: Ataraxia e Aponia - esta, representando a ausência de dor física e aquela a ausência de perturbações na mente (HAMPSON, 2013).

Ao contrário da obra desenvolvida pelos estoicos, cujas fontes são bastante vastas e autógrafas, nosso conhecimento acerca do pensamento dos epicuristas sobre as emoções é fragmentado e, em grande medida, produto de comentadores e críticos de suas ideias centrais (ANNAS, 1989). O texto remanescente da visão desse grupo a expor de forma mais fidedigna a concepção epicuriana das emoções é assinado por Filodemo de Gádara, possuindo o título de *Sobre a raiva* (INDELLI, 1988). Em meio às suas elucubrações acerca dessa emoção específica, Filodemo define os afetos como “um complexo de desejo e o estado físico do agente” (ANNAS, 1989, p. 10). Dessa forma, torna-se nítido que o olhar epicurista se afasta de um entendimento estritamente cognitivo das emoções, característico do pensamento estoico. Assim, a afetividade não representa apenas um juízo distorcido, como dissera Zenão (KNNUTILLA, 2004), mas também se incorpora materialmente ao sujeito que a experiencia, estabelecendo uma articulação entre a esfera avaliativo-intelectual da psicologia humana e a nossa fisiologia corpórea.

O caráter fragmentário e inconcluso da reflexão dos epicuristas fomenta debates em seus comentadores acerca da interpretação legítima de sua teoria das emoções. De maneira geral, os esforços hermenêuticos da obra de Epicuro bifurcam-se em duas correntes interpretativas: uma leitura intelectualista e outra centrada no papel do inconsciente. Os partidários da interpretação intelectualista defendem que as emoções têm como base fundamental as crenças que a instituem. No entanto, para os intelectualistas, tais crenças se edificariam sobre o terreno volitivo da consciência. Por exemplo, a raiva possuiria como objeto central a crença em uma injustiça cometida contra algo caro ao indivíduo e a disposição intransigente de reparar esse mal feito. Por outro lado, os adeptos da interpretação assentada no inconsciente, apesar de também reconhecerem a centralidade das crenças na teoria epicurista, entendem que as mesmas possuem uma natureza anterior à ação da consciência, acessível ao indivíduo apenas a partir de técnicas específicas e

intervenções terapêuticas. Não surpreendentemente, os defensores da interpretação inconsciente observam diversas aproximações e tangências da terapia dos epicuristas com a prática da psicanálise (KNNUTTILA, 2004).

Apesar das interpretações controversas, o âmago da teoria das emoções epicurista reside na assunção do caráter maléfico das crenças que fundamentam os afetos, pois, sob a guisa de tais operações cognitivas, os indivíduos afastam-se dos objetivos fundamentais da vida humana: a busca e a preservação da ataraxia e da aponia. Nesse caminho, o sábio epicurista deveria manter-se alerta perante a nocividade das crenças cotidianas em busca de um movimento constante de desprendimento do mundo e de suas afetações, rumo a uma vida sem perturbações e dor.

De forma lacônica, a concepção epicurista acerca das emoções pode ser sintetizada em dois esquemas fundamentais. O primeiro deles pode ser resumido como o entendimento de que os afetos humanos emergem concretamente como desdobramentos fisiológicos e comportamentais de crenças e juízos que podem ser tanto volitivos quanto inconscientes, formando uma articulação dialética entre um corpo que sente e uma alma/mente que julga. Além disso, o epicurismo preconiza as emoções como elementos, senão inerentemente nocivos, potencialmente perniciosos por desviarem o olhar dos sujeitos do único caminho para a virtude – a manutenção de uma vida atarácica e comedida -, devendo, portanto, ser combatidas pela via terapêutica da regulamentação e esterilização intelectual das crenças que fundam tais manifestações afetivas perturbadoras.

Apresentada, ainda que brevemente, a concepção epicurista dos afetos, que se insere no bojo mais amplo de sua filosofia, podemos seguir adiante para a discussão do campo proteico da Psicologia Discursiva Crítica e a exposição do conceito de repertório interpretativo (WETHERELL, 1998), que balizará teoricamente a análise que busco empreender neste trabalho.

Psicologia Discursiva Crítica

A Psicologia Discursiva Crítica (doravante PDC) emerge como um ramo sobressalente da Psicologia Discursiva (doravante PD) – campo do saber que ensaia seus primeiros passos autônomos no final da década de 1980. Foi a percepção das lacunas e insuficiências da abordagem etnometodológica da PD – em especial, a sua inclinação objetivista e sua falta de abertura a um posicionamento crítico - que levaram Potter e

Wetherell (1998) a, em um texto clássico, estabelecerem alguns dos pilares teóricos de fundação da PDC como um ramo dissidente de sua disciplina mãe, ainda que com esta mantenha muitos pontos de tangência. Essa corrente teórica emergente tem como base dois preceitos fundamentais: a ideia de que a realidade social não é dada a priori, mas é construída pelo entrelaçamento de práticas discursivas e o entendimento de que todos os fenômenos discursivos têm como estofamento constitutivo a inter-relação dialética entre instâncias macro – sociais, culturais e históricas – e micro – contextualizadas e situadas em cada interação.

Considerando os interesses fulcrais e os realinhamentos que deram origem à PDC, três conceitos assumem posição de proa em seu edifício teórico-analítico: dilemas ideológicos, posições subjetivas e repertórios interpretativos. Tomando como base o escopo e os objetivos deste artigo, me restrinjo a apresentar apenas este último. A ideia de repertório interpretativo foi importada para o terreno da PDC por Potter e Wetherell (1987, p. 138), sendo tal construto definido como “um tesouro ou um registro de termos sobre os quais nos assentamos para caracterizar e avaliar ações e eventos”. Posteriormente (EDLEY, 1991, p. 198), essa definição foi rearranjada, preconizando tais construtos como “formas relativamente coerentes de falar sobre objetos e eventos no mundo.” Em última instância, os repertórios interpretativos representam modelos de inteligibilidade que gozam de algum nível de convenção social – conquistada em meio à trajetória de embates e interesses políticos, sociais e culturais -, sendo, portanto, um insumo intersubjetivo de construção de entendimentos e significados sobre a realidade social.

De um ponto de vista abstrato, poderíamos dizer que os repertórios interpretativos despontam como unidades constituintes do conhecimento dóxico (WETHERELL, 1998) de uma determinada comunidade ou campo social (BOURDIEU, 2007), dispondo tais unidades de um dado capital axiológico, ou seja, de um dado valor intersubjetivo convencionalizado. Assim, por exemplo, em uma consulta médica, um diagnóstico acerca de uma doença exposto através de um repertório interpretativo de procedência científica tende a lograr mais legitimidade que um modelo explicativo de cunho religioso – fato que pode mudar drasticamente quando transferimos essa interação de um hospital para uma igreja.

Um último aspecto que vale a pena ressaltar acerca dos repertórios interpretativos é que os mesmos se materializam discursivamente por intermédio de uma via de mão dupla: por um lado, o indivíduo nutre a sua prática discursiva na seiva extraída dessa fonte socialmente compartilhada que, em sua própria natureza, transborda a lógica da

individualidade. Por outro lado, esse mesmo repertório é municiado pelas contribuições subjetivas sancionadas por cada sujeito que nele se apoia para construir significados acerca da realidade. Dessa forma, cada nova articulação singularmente engendrada por um sujeito agente (porém, constrangido pelo próprio repertório) representa a escrita de uma nova linha nesse glossário cultural socialmente legitimado e intersubjetivamente constituído.

Discutida a fundamentação teórica que sustenta este escrito, apresento brevemente a situação de geração dos dados e os(as) participantes/artífices deste trabalho.

Metodologia

Conforme já mencionado anteriormente, o presente artigo encontra-se inserido em um projeto de pesquisa mais amplo que tem como objetivo principal entender de que forma um grupo heterogêneo de professores(as) de inglês constrói discursivamente o papel desempenhado pelos afetos no processo de ensino/aprendizagem dessa língua. Ao todo, foram geradas trinta e três entrevistas semiestruturadas, que, em grande medida, se assemelharam ao modelo interacional preconizado por Schön (1992) como conversas reflexivas. A opção por empreender tal formatação interacional ao evento de geração de dados se mostra coerente com os preceitos da pesquisa qualitativa – tanto em um ponto de vista teórico-metodológico (DENZIN; LINCOLN, 2006) quanto, mais profundamente, em sua concepção epistemológica – com os quais me alinho neste trabalho, além de conferir maior flexibilidade e, em alguma medida, horizontalidade ao processo gerativo aqui explicitado. Fundamentalmente, apenas o tema foi estabelecido previamente (o papel dos afetos no processo de ensino/aprendizagem), sendo grande parte das entrevistas iniciadas pela pergunta: de que forma você acha que os afetos exercem influência na vida social em sua sala de aula?

O presente artigo conta com a participação de duas professoras, Clara e Maria, cujos entendimentos discursivamente erigidos acerca da esfinge apresentada, de forma mais ou menos contundente, pareceram se ancorar no repertório interpretativo da concepção epicurista dos afetos. Devido à exiguidade de espaço no presente escrito – o que impede uma apresentação mais detalhada de cada uma das artífices deste trabalho -, pedi

para cada participante redigir um breve perfil identitário, no qual elas poderiam se apresentar da maneira que mais lhes aprouvessem. Trago esses dois autorretratos⁴ abaixo:

Meu nome é Clara, sou do município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, e tenho 27 anos. Dou aula de inglês para crianças e adolescentes desde que eu entrei na Universidade há mais ou menos uns 7 anos. Sempre adorei inglês e me sinto muito feliz com a escolha da minha profissão! Adoro ver os alunos se envolvendo com as minhas aulas e aprendendo uma língua diferente da deles.

Meu nome é Maria e tenho 25 anos. Sou de Niterói e estudo Letras Português e Inglês na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Atuo como professora de inglês faz dois anos e desde então tenho cada vez mais certeza de que estou na área certa. Apesar das dificuldades de conciliar a faculdade com o trabalho, o cansaço da rotina e tal, a alegria que eu sinto quando entro em sala de aula e começo a ensinar meus alunos e vejo o brilho nos olhares deles é a recompensa de todo esse esforço.

Findada a breve discussão acerca dos expedientes teórico-metodológicos que balizam o presente artigo e apresentadas as co-autoras desta pesquisa, na seção subsequente, analiso alguns trechos das minhas entrevistas com as duas participantes à luz do arcabouço teórico e dos interesses investigativos orientadores deste trabalho.

Análise dos Dados

Divido esta seção em dois momentos distintos, porém interligados. Primeiramente, parto da tentativa de sintetização da concepção epicurista dos afetos em dois repertórios interpretativos fundamentais – o entendimento das emoções como epifenômenos resultantes de processos cognitivo-avaliativos que os subjazem e a apologia terapêutica ao estrito controle dos afetos como o caminho para uma vida ataráxica de comedimento e temperança – para analisar de que maneira tal concepção impregna os discursos de ambas as participantes desta pesquisa. Em seguida, discuto em que medida tais repertórios interpretativos se mostram coerentes com os objetivos principais da virada afetiva, salientando os pontos de tangência e afastamento entre o modelo epicurista e o

⁴ Os dois perfis foram enviados pelo WhatsApp®. Os textos foram preservados sem alterações léxico-gramaticais ou edições, sofrendo apenas pequenas alterações tipográficas que visavam conferir-lhe alguma homogeneidade formal com relação ao resto do artigo.

entendimento acerca da inter-relação entre afetos e a vida em sala de aula de línguas que orienta esse movimento teórico.

Repertório interpretativo 1: os afetos como desdobramentos corpóreos de fenômenos cognitivos subjacentes

Conforme já discutido anteriormente, para os filósofos epicuristas (INDELLI, 1988) as emoções representam subprodutos fisiológico-sensoriais resultantes de juízos e avaliações (deliberadas ou inconscientes) equivocadas acerca da teleologia da vida humana – a busca da preservação da tranquilidade mental e corporal. Assim, os afetos são representados no seio do pensamento do epicurismo como um distúrbio comportamental superficial que tem sua origem em um movimento axiológico de caráter cognitivo que incorre em vício. Fundamentalmente, ainda que não de maneira *pari passu*, tal repertório interpretativo emerge discursivamente em alguns momentos da minha conversa com Clara, arrimando o esforço reflexivo da professora. Trago um desses momentos instanciativos abaixo.⁵

Fragmento 1: “Tem que deixar a rédea na mão da razão”

Diego	01	então clarinha (.) como que tu vê os afetos na
	02	sua::: prática como professora de inglês (.)
	03	tipo é:::: tu dá muita importância pra eles
	04	ã::::: como se fosse algo central ou tu
	05	entende esses afetos como algo sei lá::
Clara	06	secundário?
	07	não sei di(.) assim (1,0)eu tendo a ver essas
	08	coisas de um modo mais racional (.) <não sei
	09	se=é= o meu jeito ou sei lá mas::: mesmo nos
	10	momentos em que a gente tá mais emocionado você
	11	sempre tem como ter noção das coisas que cê faz
	12	né↑ então (.) assim:: é isso que eu tento passar
	13	pros meus alunos (.) eu sei que tem horas, em
	14	algumas atividades que eles (.)sei lá(.) ficam
	15	nervosos com medo de errar tímidos e tal (.) mas
	16	eu digo pra eles que é tudo uma questão de ter
	17	foco e força mental (.) não sei se você tá me
Diego	18	entendendo↑
Clara	19	°urrrum°
	20	no fim das contas, é a nossa mente que manda em
	21	nós e mesmo aquilo que a gente sente tem que
	22	ficar é::::: digamos::::: sob o::: controle do
	23	nosso raciocínio especialmente quando você tá
	24	tentando aprender algo como uma outra língua que

⁵ As transcrições apresentadas neste artigo se alinham ao modelo proposto por Garcez, Bulla e Loder (2014)

	25	você tem que se expor e tal (.) tem que deixar a rédea na mão da sua razão↑
--	----	---

Do ponto de vista estrutural, o segmento interacional analisado se organiza de maneira relativamente simples. Em seu início, Diego constrói um questionamento acerca da importância devotada por Clara ao tema dos afetos em sua experiência como professora de língua inglesa. Como réplica à indagação de seu interlocutor, a docente percorre um caminho argumentativo anteparado no esquema teórico da filosofia epicurista, desenhando as emoções como problemas inerentes à natureza humana, que, no entanto, encontram-se subordinados ao poder deliberativo da razão. Tal empreitada retórica desemboca no entendimento de que a nossa racionalidade deve desempenhar o papel de sentinela dos afetos, resguardando nosso agir de sua influência perniciosa – concepção que encontra sua culminância nas linhas finais do fragmento: *tem que deixar a rédea na mão da sua razão.*

Todavia, antes de nos debruçarmos de forma mais vigorosa sobre o trabalho artificioso empreendido por Clara à luz do repertório interpretativo que preconiza as emoções como desdobramentos de juízos cognitivos, considero importante lembrar que, mesmo assentado no terreno da filosofia epicurista, a aderência do esforço reflexivo da participante a tal modelo de inteligibilidade não se dá sem deixar espaços de porosidade. Dentre todos os pontos de afastamento da teorização da participante em relação ao repertório interpretativo que a arrima, considero digno de nota a distinção entre a abordagem terapêutica preconizada por Clara objetivando sanar os distúrbios emocionais e seu análogo epicurista. Enquanto estes propunham uma terapia ancorada no hábito e na abdição, entendendo que os juízos cognitivos incongruentes somente poderiam ser arrefecidos pelo labor constante da meditação e do distanciamento da realidade imediata convertido em costume, Clara apresenta um tratamento mais simples para as agruras resultantes das paixões em nossa vida, resumindo tal intervenção a um labor volitivo (linhas 15-16).

No entanto, denunciar as fissuras e rachaduras nas dobradiças que articulam a teorização da partícipe desta pesquisa e o sistema epicurista não implica negar o fato de que aquele encontra remanso retórico no potencial intersubjetivo e convencional deste. Primeiramente, de forma homóloga ao esquema produzido por Epicuro e seus alunos, Clara desenha discursivamente os afetos como subprodutos fisiológico-sensoriais de processos cognitivos anteriores. Tal diálogo se estabelece no momento em que a

participante institui certos fenômenos intelectuais e deliberativos (força de vontade e foco) como os determinantes fundamentais do tipo de emoção a ser experienciada por seus alunos (eu sei que tem horas, em algumas atividades que eles (.)sei lá(.) ficam nervosos com medo de errar tímidos e tal (.) mas eu digo pra eles que é tudo uma questão de ter foco e força mental). Esse entendimento ainda é reforçado de maneira contundente no momento seguinte quando Clara erige sua teorização acerca da soberania da mente sobre as demais instâncias constituintes da nossa personalidade individual, ressoando o esquema epicurista da tutela atarácica da cognição sobre as paixões (no fim das contas, é a nossa mente que manda em nós).

No fim do segmento interacional sob análise, Clara ainda promove a articulação discursiva entre seu edifício teórico assentado no repertório interpretativo preconizador dos afetos como epifenômenos da razão e sua vivência subjetiva como professora de inglês, endossando a apologia ao racionalismo estrito como um imperativo pedagógico (mesmo aquilo que a gente sente tem que ficar é::::: digamos::::: sob o::: controle do nosso raciocínio especialmente quando você tá tentando aprender algo como uma outra língua). Tal posicionamento encontra-se sintetizado nas linhas finais do fragmento 1 com o auxílio de uma imagem metafórica bastante significativa (tem que deixar a rédea na mão da sua razão). Assim, conforme sugere a participante, manifestações afetivas perniciosas observadas em sua experiência docente – como o medo e a timidez (linha 14) – emergem como produtos de uma vigilância débil da esfera cognitiva da nossa mente sobre tais distúrbios emocionais.

O desdobramento lógico do sistema de inteligibilidade que prevê os afetos como meros processos superficiais motivados por causas mentais subjacentes - atualizado discursivamente nas palavras de Clara e depositado intersubjetivamente no mercado cultural da nossa sociedade pela força da convenção - é uma apologia desabrida ao controle intelectual da nossa afetividade como a única forma de impedir os padecimentos éticos e físicos provenientes das perturbações afetivas. Se tais desenvolvimentos encontram-se, em grande medida, ainda carentes de uma defesa mais enfática no fragmento 1, tal esforço laudatório é realizado por Maria, conforme podemos observar após a breve discussão do repertório interpretativo que sustenta esse labor teórico-retórico.

Repertório Interpretativo 2: Apologia da tutela dos afetos como um caminho para a virtude

Segundo a concepção epicurista (KNNUTILLA, 2004), os afetos, enquanto produtos de juízos mentais viciosos, despontam como um dos obstáculos mais contundentes à consumação de uma vida pautada pelos preceitos da virtude defendida pela escola de Epicuro: a ataraxia e a aponia (INDELLI, 1988). Nesse sentido, enquanto a reflexão ética epicurista nos impinge a evitar tensões e conflitos em prol de uma vida de tranquilidade e temperança, um dos elementos terapêuticos mais importantes na busca de tal modelo de vida se conquista pela vigilância atenta das nossas emoções, uma vez que em tais fenômenos reside o gérmen de uma existência agonística. Apesar de nenhum dos indivíduos entrevistados ao longo do projeto de pesquisa que esteia a produção deste artigo ter aprofundado suas respectivas argumentações na mesma direção que os filósofos seguidores do epicurismo, o edifício retórico-reflexivo erigido por Maria ao longo de nossa conversa tangenciou, em diferentes momentos, o sistema teórico em questão de maneira contundente, conforme podemos observar no fragmento 2.

Fragmento 2: “se você não controla as suas emoções no fim das contas você não vai conseguir aprender quase nada”

Diego	01	então, maria(.) eu queria entender como que você
	02	vê a questão dos afetos na sala de aula de
	03	inglês, quer dizer (.) mais especificamente::
	04	a::::: na sua sala na sua prática docente como
	05	professora de inglês (.) você acha que as
	06	emoções é::::: aquilo que os alunos sentem ajuda
	07	ou atrapalha a aprendizagem deles↑
Maria	08	putz↑ (1,0) é uma pergunta meio espinhosa essa
	09	néhhhhhhhhh assim::::: (.)depende de como você
	10	vê isso (.) é claro que eu não quero que meus
	11	alunos sejam robôs (.) <tip-sei=lá> ajam que nem
	12	árvores parados e tal (1,0) mas::::: o problema
	13	das emoções é que, quase sempre é::::: elas nos
	14	levam a fazer coisas erradas < não sei se errada
	15	é a melhor palavra> mas (.)pelo menos coisas que
	16	caso a gente pensasse >um pouquinho melhor< a
	17	gente acabaria não fazendo (.) sabe quando você
	18	diz algo do tipo (.) tomei uma decisão de cabeça
	19	quente ((falando com uma voz mais grave)) (.) é
	20	tipo isso entende↑
Diego	21	arram::: e você acha que isso interfere na
	22	aprendizagem dos seus alunos
Maria	23	com certeza↑ tipo (.) aprender demanda uma certa
	24	concentração né↑ (.) reflexão e tal (.) não sei

25	se dá pra ter isso quando alguém está dominado
26	por um medo ou ansiedade (.) são coisas que tem
27	que ser evitadas (.) não sei se evitadas na
28	verdade <porque é claro que quase nunca dá pra
29	evitar> mas pelo menos (.)a::::: controladas isso
30	sim se você não controla as suas emoções no fim
31	das contas você não vai conseguir aprender quase
32	nada (.) entende↑

O recorte que formata o fragmento 2 se inicia com uma indagação de Diego, que tenta articular o tema dos afetos em sua inerência à vida humana ao rol de vivências subjetivas de Maria em sua sala de aula, estabelecendo uma amálgama teleológica para tal junção (sua prática docente como professora de inglês (.) você acha que as emoções é::::: aquilo que os alunos sentem ajuda ou atrapalha a aprendizagem deles↑). É justamente a forma como Diego expõe seu questionamento que orienta o esforço de construção teórico-reflexiva empreendido por sua interlocutora. Primeiramente, Maria erige um expediente axiológico acerca da própria pergunta apresentada por seu colega da interação, avaliando-a como delicada, complicada e dependente de um conjunto de fatores (putz↑ (1,0) é uma pergunta meio espinhosa essa).

Após esse breve intercurso valorativo, a participante mergulha com maior vigor em seu trabalho teorizante. Contudo, como uma espécie de mecanismo de defesa prévio, Maria introduz o seu quadro retórico com uma explicação relativizante, que visa impedir interpretações mais radicais de sua argumentação (depende de como você vê isso (.) é claro que eu não quero que meus alunos sejam robôs (.) <tip-sei=lá> ajam que nem árvores parados e tal). Nesse sentido, ao estabelecer uma ponte metafórica entre a ausência total de emocionalidade e o comportamento característico de robôs ou árvores, Maria constrói uma brecha para dizer que, apesar de sua apologia ao controle racional das emoções, algum nível de espontaneidade afetiva há de remanescer à pena de transformar seres humanos em objetos ou entes desprovidos de capacidade de agir.

Apresentada essa explicação que visa afastar preventivamente eventuais interpretações dissonantes do direcionamento argumentativo que Maria tenta imprimir ao seu esforço reflexivo, a mesma inicia o seu percurso de construção de um esquema teórico assentada no repertório interpretativo que preconiza as emoções como ímpetus inerentemente humanos, cuja potência deve ser policiada pela razão. Tal transição se

evidencia discursivamente pelo emprego do conectivo *mas* (linha 12), marcando um umbral opositivo de grande eficácia retórica entre o reconhecimento da inescapabilidade dos afetos na nossa experiencialidade e o posicionamento em defesa da vigilância estrita dos mesmos.

É interessante observar que o primeiro aspecto concernente à complexa esfinge das emoções destacado pela participante em sua teorização é a suposta natureza problemática destas – como se tal fosse o aspecto mais saliente desse fenômeno múltiplo e proteico (o problema das emoções). Nesse ponto, especificamente, o trabalho teórico empreendido por Maria parece encontrar remanso no repertório interpretativo que nomeia esta subseção – e, naturalmente, no esquema filosófico epicurista que fornece a tal repertório o estofamento necessário para suportar empreitadas reflexivas similares às performadas pela participante. Um dos elementos constituintes do castelo teórico de Maria que evidencia com nitidez esse alinhamento dialético é a classificação das emoções como uma espécie de gatilho por excelência de ações e comportamentos errados (quase sempre é::: elas [as emoções] nos levam a fazer coisas erradas)

Contudo, em consonância com o entendimento apresentado por Wetherell (1998) – que concebe o processo de atualização discursiva dos repertórios interpretativos como um trabalho criativo circunscrito a um dado contexto interacional, que exerce influência no “resultado discursivo final” desse esforço dialógico -, Maria parece, mais uma vez, assumir uma posição defensiva perante seu interlocutor, amortecendo o peso avaliativo do termo *errado* e substituindo-o por outros construtos de menor contundência (< não sei se errada é a melhor palavra> *mas* (.) pelo menos coisas que caso a gente pensasse >um pouquinho melhor< a gente acabaria não fazendo). Tal esforço se evidencia no movimento retórico de reenquadramento empreendido pela participante, qualificando os afetos (e seus desdobramentos comportamentais) como “ações que poderiam ser evitadas” em vez de erros efetivos. Em última instância, esse também é o mesmo bridão argumentativo que baliza o exemplo construído por Maria nas linhas subsequentes (sabe quando você diz algo do tipo (.) tomei uma decisão de cabeça quente).

Diante do complexo jogo avaliativo engendrado por sua interlocutora, Diego, se valendo de uma deixa dada pela mesma (é tipo isso entende↑), redireciona o encaminhamento da conversa, que até aquele ponto, versava sobre as emoções de maneira genérica e abstrata, para o contexto subjetivo de Maria em sua trajetória como professora

de inglês (arram::: e você acha que isso interfere na aprendizagem dos seus alunos). E é sob a égide dessa indagação que a participante constrói de forma mais consistente a sua reflexão sobre a inter-relação entre afeto e aprendizagem assentada no repertório interpretativo epicurista. Nesse sentido, a réplica assertiva da partícipe deste trabalho ao questionamento de Diego parece se contrapor ao seu intento de mitigar a força axiológica de sua teorização crítica das emoções (com certeza↑).

É justamente sobre o firmamento desse olhar depreciativo acerca dos afetos que Maria - mais uma vez, reverberando e atualizando discursivamente o repertório interpretativo epicurista – estabelece uma dicotomia entre os elementos cognitivos e deliberativos da nossa vida psicológica e a afetividade. Tal oposição polarizada ganha corpo discursivo quando a participante contrapõe a possibilidade envolver-se em um exercício de reflexão e concentração à inexistência de algum fenômeno afetivo concorrente a tais operações cognitivas (aprender demanda uma certa concentração né↑ (.) reflexão e tal (.) não sei se dá pra ter isso quando alguém está dominado por um medo ou ansiedade). Outro aspecto interessante reside na escolha lexical de Maria pelo termo “dominar”, fazendo referência à influência dos afetos sobre o agir humano. Assim, dentro do sistema teórico tecido pela interagente, a relação dos indivíduos com seus sentimentos e emoções se resume a um entrelaço agonístico em que ou o sujeito subjuga sua afetividade, tornando-se suserano sobre a mesma, ou o mesmo por esta é dominado, a ela se avassalando.

Todavia, contrapondo-se à severidade com a qual Maria avalia depreciativamente os afetos no contexto de ensino/aprendizagem, a participante - mais uma vez, assumindo uma postura defensiva – relativiza a terapêutica preconizada em seu trabalho reflexivo, argumentando em favor não de um expurgo completo dos afetos, mas de um controle rigoroso dos mesmos (são coisas que tem que ser evitadas (.) não sei se evitadas na verdade <porque é claro que quase nunca dá pra evitar> mas pelo menos (.)a::: controladas). Nesse aspecto, emerge outro ponto de tangência relevante entre o edifício retórico erigido por Maria e o esquema teórico epicurista, pois ambos, apesar de imporem como imperativo ético a vigilância sobre os impulsos emotivos, reconhecem a impossibilidade da domaçaõ completa de tais ímpetus humanos. Porém, evidenciando a complexidade da prática discursiva e da trama criativa em diálogo com repertórios interpretativos intersubjetivos, Maria, nas linhas finais do fragmento 2, parece impingir com maior contundência novamente sua crítica acerca dos

afetos no contexto da sua sala de aula de inglês, qualificando-os como impeditivos cabais ao processo de aprendizagem (se você não controla as suas emoções no fim das contas você não vai conseguir aprender quase nada). Essa coreografia sinuosa parece dar a tônica do segmento interacional analisado no fragmento 2: um esforço reflexivo-argumentativo assentado no repertório interpretativo da filosofia epicurista que, por um lado, se apoia em tal esquema teórico para avaliar negativamente a influência dos afetos sobre a vida em sua sala de aula enquanto, por outro lado, busca mitigar potenciais conflitos com seu interlocutor, amortecendo discursivamente o peso de seus posicionamentos.

Após analisar de que maneira os repertórios interpretativos esteados na teoria epicurista das emoções emergem de forma reformulada e recontextualizada nos discursos de professoras de inglês acerca de suas experiências docentes, me dedico, a seguir, a uma discussão acerca do nível de consonância de tais modelos com os preceitos da virada afetiva.

Discussão

Com base na análise apresentada na seção anterior, evidencia-se que os repertórios interpretativos assentados no sistema teórico de Epicuro e seus seguidores ainda encontram reverberação patente no mercado de discursos (BOURDIEU, 2007) convencionados contemporaneamente, ao menos, no espaço em que este trabalho se insere. Considerando tais entendimentos sob a ótica de uma emergente virada afetiva, que coloca no centro do holofote ético e epistemológico os afetos, um questionamento emerge quase que automaticamente: em que medida o pensamento epicurista dialoga com os objetivos e preceitos fundacionais que motivam e direcionam esse movimento de revalorização dos afetos?

Primeiramente, me parece importante lembrar que, apesar de a teoria erigida por Epicuro e seus alunos, em seus fulcros, se distanciar dos balizamentos principais da virada afetiva (PAVLENKO, 2013), algumas de suas ideias fundadoras apresentam avanços – no sentido de uma concepção mais humanista e centrada no sujeito no que tange ao trato da questão das emoções – quando comparados com alguns de seus antecessores (KNNUTILLA, 2004). Por exemplo, a conscientização observável na obra epicurista acerca da impossibilidade do expurgo definitivo dos afetos da vida humana e o

entendimento de que os componentes deliberativo-volitivos da nossa mente não possuem força para erradicarem completamente os afetos de nossa experiência, quando comparados com esquemas de inteligibilidade concorrentes ao epicurista (os estoicos e os cétricos são dois exemplos salutaros) representam passos importantes em direção à construção de uma teoria que integre emoção e cognição.

No entanto, apesar de alguns pontos de tangência entre o epicurismo e a concepção hegemônica contemporaneamente, ao menos no meio dos Estudos do Discurso, acerca da inter-relação entre afeto e a vida em sala de aula, diversos pontos de distanciamento entre ambos os modelos devem ser explicitados. Em primeiro lugar, a distinção hierárquica concebida pelo epicurismo entre as sensações e manifestações corporais e a dimensão mental na composição das nossas emoções, além de carecer de maior consistência teórica – uma vez que separa em níveis distintos elementos inerentemente imbricados –, ainda possui o vício de preconizar os afetos como uma espécie de distúrbio (em última instância, inescapável em sua completude) de uma mente errática, isto é, desalinhada aos preceitos éticos de ataraxia e aponia defendidos pelos epicuristas.

Como decorrência desse entendimento quase patológico dos afetos, o segundo ponto de afastamento entre o pensamento epicurista e a teoria subjacente à virada afetiva se torna patente. Enquanto, por um lado, esta concebe as emoções humanas como um caminho frutífero para a construção de modelos e práticas de ensino/aprendizagem que levem em consideração a subjetividade e as especificidades de cada indivíduo, integrando-os a tais processos; por outro lado, o epicurismo paira no flanco oposto, desenhando os afetos como um mal que, se impossível de ser extirpado definitivamente, ao menos tem de ser controlado e regulado – como uma doença crônica incurável, porém tratável.

Os desdobramentos da presença em quaisquer ambientes de ensino/aprendizagem de repertórios interpretativos assentados em semelhantes sistemas filosóficos são potencialmente graves. Primeiramente, essas concepções atribuem às emoções o qualitativo de “vício a ser corrigido ou, quando muito, limitação inerentemente humana a ser superada pela educação das paixões”, advogando em prol da ideia de que a atividade cognitiva deve atuar como sentinela contra as manifestações indesejáveis dos afetos. Mais importante ainda me parece ser o fato de tais esquemas de inteligibilidade preconizarem a sala de aula como um espaço onde os afetos devem ser sumariamente evitados – ou enjaulados – à pena de, não cumprida essa exigência da prática pedagógica, inviabilizar-se

todo o processo de aprendizagem que, nesse sentido, obviamente, exclui a afetividade dos aprendizes.

Considerações Finais

Um olhar mais atento para alguns trabalhos que investigam o processo de ensino/aprendizagem de línguas nos permite observar um certo estado de celebração com a revalorização contemporânea dos afetos na agenda de pesquisa de tais áreas, o que, em última análise, deveria contribuir para a emergência de um novo paradigma pedagógico que posicione o sujeito no centro das preocupações no espaço da sala de aula (HARGREAVES, 2001; SCHUTZ; ZEMBYLAS, 2009, apenas para citar alguns exemplos). Apesar de não desmerecer o valor desse interesse hodierno pelas emoções, penso que o mero aumento no volume de estudos sobre o tema da afetividade não necessariamente implica em louros efetivos para o processo de ensino/aprendizagem quando não acompanhado de uma concepção teórica que dialogue com esses preceitos éticos e epistemológicos. Assim, investigar os afetos sem refletir criticamente sobre o modelo teórico que os subjaz representa, se não um retrocesso, ao menos um redirecionamento de pouca valia.

À luz dessa reflexão, Pavlenko (2013) denunciou os obstáculos que se opõem ao movimento teórico em prol de uma virada afetiva assentada na revalorização do sujeito e de suas emoções como objetos de interesse da reflexão sobre o fazer em sala de aula. Ombreando o esforço da autora, este artigo (e o projeto de pesquisa em que ele está inserido) ruma na mesma direção, buscando a superação de tais barreiras epistemológicas. Quando percebemos a relevância de repertórios interpretativos arrimados na teoria epicurista dos afetos, torna-se lancinante a imperatividade de substituirmos a comemoração da retomada contemporânea do interesse nas emoções por uma preocupação séria com os rumos teóricos desse movimento. Diante das considerações erigidas ao longo deste trabalho, faz-se cada vez mais necessário articular os trabalhos que versam sobre a afetividade em contextos de ensino/aprendizagem a uma *poiésis* teórico-heurística que dê conta da complexidade do fenômeno em pauta. Sem a realização de tal esforço, é possível que, em um futuro próximo, possamos sentir saudade de quando os afetos eram deixados de lado em face de uma hegemonia teórica que apenas lembre-se dos mesmos para classificá-los como um epifenômeno viciado da razão humana.

Referências bibliográficas

ABREU, D.C. Contra uma concepção insular das emoções: a virada afetiva em ASL como um eixo de desconstrução e reconstrução. *Revista discente da UNIABEU*. v. 5, n. 10, 2017.

ANNAS, J. Epicurean Emotions. *Greek, Roman & Byzantine Studies* 30, 1989. pp. 145-64.

BARBOSA, S. M. A. D.; BEDRAN, P. F. Discurso e relações de poder na (re)construção da identidade profissional de professores de língua em uma comunidade de prática no ambiente digital. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 15, p. 117-117, 2016.

BOURDIEU, P. *A distinção. Crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EDLEY, N. Analysing Masculinity: Interpretative Repertoires, Ideological Dilemmas and Subject Positions. In M. Wetherell, S. Taylor and S.J. Yates (eds) *Discourse as Data: A Guide to Analysis*. London: Sage and the Open University. 2001. p 189-228.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*, trad. S. T. Muchail, São Paulo: Martins fontes, 2002.

GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. In: Cavalcanti, Marilda do Couto; Zanotto, Mara Sophia (Orgs.). *Trajetórias de pesquisa em Linguística Aplicada*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

HAMPSON, M. R. *A non-intellectualist account of Epicurean emotions*. Diss. UCL (University College London), 2013.

HARGREAVES, A. *Emotional Geographies of Teaching*. Teachers College records. Vol. 103, 2001. p. 1056-1080.

INDELLI, G. *Filodemo, L'Ira: La scuola di Epicuro* 5, Nápoles, Bibliopolis, 1988.

PAVLENKO, A. The Affective Turn in SLA: From 'Affective Factors' to 'Language Desire' and 'Commodification of Affect'. In: *The Affective Dimension in Second Language Acquisition*. Ed: BIELSKA, J.; GABRYS-BARKER, D.; Salisbury. 2013. pp. 5-61.

POTTER, J.; WETHERELL, M. Discourse analysis and the identification of interpretative repertoires. In: Antaki, C. *Explaining and Arguing: The Social Organisation of Accounts*. London: Sage, 1994. p. 169-183.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Tradução Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 77-91.

SCHUTZ, P. A.; M. S. ZEMBYLAS (Eds.). *Advances in teacher emotion research*. Dordrecht: Springer. 2009.

SILVA, F.V.; BARBOSA, M.S.M.F. Até que o ghosting os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. *Calidoscópico* Vol. 14, n. 2, p. 265-275, mai/ago 2016.

WETHERELL, M. Positioning and interpretative repertoires: Conversation analysis and post-structuralism in dialogue. *Discourse and Society*, 9(3), 387-412, 1998.